

O TEXTO LITERÁRIO E O CONTEXTO BRASILEIRO PÓS-64

Camila Cavalcanti de Sousa (UPE)
camilaa_cavalcanti@hotmail.com

Introdução

A vida política-social do Brasil em meados da década de 1960 sofreu profundas modificações, o motivo: a instauração de um sistema perverso de governo, a partir do golpe de 64 a população brasileira passou a conviver com o pânico do silêncio, da tortura, do medo, estava instaurada no Brasil a Ditadura Militar.

Durante os 21 anos que os militares estiveram no poder era proibido falar mal do governo. Músicas, livros ou qualquer manifestação que ousasse fazer uma crítica social ao governo seria censurado; às vezes o autor era preso ou sofria torturas bárbaras, muitos encontraram a morte. Porém, alguns não se conformaram e encontraram na arte a forma de se libertar, a maneira de falar sobre as injustiças sofridas por muitos nesse período tão macabro da nossa história.

O terreno perigoso do regime militar tornou-se também fértil para as produções artísticas, o ambiente literário nacional sofreu grande influência dos anos de ditadura militar, os escritores passam a ter muito mais cuidado com seus escritos, eram feitos verdadeiros malabarismos na construção das narrativas a fim de driblar a censura sem perder o objetivo da obra, surge então um gênero narrativo autêntico, reflexo das angústias e das experiências da época. Nesse cenário surgem obras com o propósito de denunciar o caos que se instaurava no país num contexto de total opressão, onde a realidade foi encoberta para omitir a crise política no país, como é o caso da obra “A Festa” de Ivan Ângelo, publicada em 1978, relato e denúncia de um país, muitas vezes, desconhecido.

Aspectos Metodológicos

Este trabalho tem como objeto de estudo o livro *A Festa* de Ivan Ângelo, busca-se analisar a obra como meio de resistência e denúncia da realidade brasileira durante o regime militar. A pesquisa foi realizada a partir do método indutivo, pois parte-se de uma particularidade para a generalização, a obra em foco foi analisada a fim de se estabelecer uma relação entre a produção literária do pós-64 com o contexto histórico brasileiro da ditadura militar.

Em relação aos procedimentos técnicos, foi adotada a pesquisa bibliográfica, pois o trabalho foi realizado a partir de informações obtidas em livros, trabalhos acadêmicos, como teses de graduação e mestrado e redes eletrônicas. A pesquisa se constituiu, primeiramente, da leitura da obra em foco: *A Festa* de Ivan Ângelo, e o fichamento decorrente dessa leitura, posteriormente foram feitas leituras de obras que abordam o período da ditadura militar no Brasil a fim de estabelecer relações entre a construção literária, os aspectos sociais impostos pelo regime.

1. O contexto histórico do Brasil de 1964

Após o golpe militar de 1964 que resultou na queda do então presidente da república, João Goulart, o Jango, os militares detiveram o poder de governar o Brasil, o governo populista foi derrubado e a nova forma de governo foi formulada sob um caráter ditatorial, aqueles que não se adequavam ao novo sistema político sofriam

repressões que se agravaram a cada dia, da censura à tortura, o que se instaurava, pouco a pouco, no país era o pânico e a injustiça.

A ideia que o governo pretendia passar para a população era que o país se encontrava em perfeita ordem, para isso foi instaurada a censura, por meio desta os jornais eram proibidos de publicar as verdadeiras notícias sobre a atual situação política do país, as manifestações artísticas, músicas, peças teatrais, livros só chegavam ao público depois que passavam pelas mãos dos censores.

A sociedade sofreu ainda mais depois que o governo emitiu o Ato Institucional número 5, ou simplesmente o AI-5 em 13 de dezembro de 1968, durante o governo do então presidente Artur da Costa e Silva. O ato concedia, entre outras atrocidades, poder pleno ao presidente da república para suspender os direitos políticos, pelo período de 10 anos, de qualquer cidadão brasileiro, proibir qualquer manifestação popular de caráter político e impor a censura prévia para jornais, revistas, livros, peças teatrais e músicas.

Como o AI-5 determinou a censura prévia para as manifestações culturais assim como para os jornais, a realidade caótica em que o Brasil se encontrava era sufocada pelos militares, assim a verdade era subtraída e a sociedade levada a um estado de alienação, tudo era minuciosamente calculado para que se propagasse a imagem de um país em pleno desenvolvimento e livre do perigo comunista. É nesse contexto repressor que a literatura se destaca, o terreno perigoso da ditadura e da censura tornou-se, também fértil para a produção literária, é nesse momento que muitos jornalistas-escritores vão trazer para as obras literárias aquilo que eram proibidos de divulgar nos jornais, o diálogo que já existia entre jornalismo e literatura torna-se ainda mais tênue, é o que afirma Dalcastagnè:

Desde o século passado os dois gêneros vêm se aproximando e se transformando mutuamente. Seja na linguagem, seja no que diz respeito a seu conteúdo social – tão caro aos naturalistas – as influências foram recorrentes e, muitas vezes, decisivas. Nem poderia ser diferente, se lembrarmos que os “homens de letras” foram, pouco a pouco ocupando as mesas de redações. Com isso, o jornalismo ia tomando uma forma mais literária, e a literatura, conseqüentemente, contaminando-se com o estilo direto e objetivo dos jornais, sem perder a própria originalidade. (DALCASTAGNÈ, 1996, pag. 45-46)

2. Produção literária pós-64: a voz dos oprimidos

A produção literária pós-64 é matéria de algumas pesquisas minuciosas, são esses trabalhos que conduziram significadamente os resultados aqui apontados, destacam-se as contribuições do trabalho de Regina Dalcastagnè, intitulado *O Espaço da dor - o regime de 64 no romance brasileiro*, além d'*A Festa* de Ivan Ângelo a autora analisa mais oito obras que têm como temática principal o regime militar no Brasil, as considerações apreciadas pela estudiosa veem com olhos compassivos a situação social do país e como a literatura se fez presente como elemento de resistência à opressão. Segundo Dalcastagnè:

Em 21 anos de ditadura foram tantos os mortos, os torturados e os humilhados que faltaria espaço onde refugiar toda a sua dor. A memória, terreno tão propício, é demasiadamente instável para semelhantes horrores. Talvez por isso o homem tenha inventado a arte. [...] No Brasil, foram os escritores que entalharam esse espaço acolhedor. É nos romances que vamos reencontrar, com maior intensidade, o desespero daqueles que foram massacrados por acreditarem que poderiam fazer alguma coisa pela história do país. (DALCASTAGNÈ, 1996, p. 15)

É o sentimento de inquietação, talvez de responsabilidade, que faz muitos intelectuais aderirem à literatura como forma de resistir ao mecanismo de repressão que foi imposto. A censura aos jornais fez com que muitos jornalistas recorressem ao romance para expressar e documentar as atrocidades sofridas, é das experiências reais que nasce uma ficção mais real do que a história oficial, todo o caminho percorrido pelo romance no pós-64 está bem esclarecido no trabalho do professor e jornalista Renato Franco: *Itinerário Político do Romance Pós-64: A Festa*, esse trabalho é norteador no que se refere a análise explicativa de toda a trajetória literária depois do golpe de 1964. É impossível entrar em contato com os estudos de Franco sem ser levado a questionar as bases que constituem a história do país, ele afirma:

[...] enquanto não ajustarmos conta com nosso passado recente e não admitirmos que ele é tecido por inúmeras atrocidades – que, enfim, ele comporta uma gigantesca dimensão de horror – não lograremos eliminar a violência de nosso cotidiano e nem, tampouco, deixaremos de viver em um “estado de exceção”, o qual, infelizmente, ainda não se extinguiu, ao contrário – como profeticamente assinalou Walter Benjamin –, ele tem sido, para a maioria, permanente. (FRANCO, 1998, p. 17)

O aspecto documental é o que concerne ao romance do pós-64 uma importância ímpar na (re)construção da identidade do país, a temática não é apenas política, é também social, o romance relata a realidade política e atua eficientemente nas questões sociais, o grupo de retirantes que foge da pobreza imposta pela seca no Nordeste representa a reflexão sobre problemas que, mesmo com o desenvolvimento econômico do país tão exaltado pelo regime militar, se faziam presente em muitas partes do país, assim a obra de Ângelo “orienta seu olhar devastador através daqueles elementos que, apesar das intensas transformações ocorridas no país, teimaram em não ser erradicados de nossa paisagem social: a fome e a miséria” (FRANCO, 1998, p.161). Assim, esses trabalhos admitem, através da análise das obras e fundamentação em teorias como a de Walter Benjamin, que a relação entre Literatura e História é bem mais estreita, ela é matéria esclarecedora do passado, fonte de reflexão sobre muitos conceitos arraigados à cultura nacional.

3. Análise da obra *A Festa* de Ivan Ângelo

A Festa de Ivan Ângelo é um dos mais importantes romances contemporâneos, fragmentário, complexo, histórico, atual, documento da história recente do Brasil. A narrativa é composta de nove fragmentos ou contos, que podem ser divididos em três blocos: o primeiro composto de sete contos, o segundo intitulado de “Antes da Festa” e o terceiro “Depois da Festa”, aparentemente esses contos podem ser lidos separadamente, mas na verdade eles mantêm uma estreita relação de dependência com o conjunto da obra. No sumário, além do nome de cada conto, Ivan Ângelo registra um complemento explicativo: os fragmentos-contos aparecem da seguinte maneira: Documentário (sertão e cidade, 1970), Bodas de Pérola (amor dos anos 30), Andrea (garota dos anos 50), Corrupção (triângulo dos anos 40), O Refúgio (insegurança, 1970), Luta de Classes (vidinha, 1970), Preocupações (angústias, 1968), Antes da Festa (vítimas dos anos 60), Depois da Festa (índice dos destinos), a escolha de explicar o ano referente a cada conto tem a intenção de mostrar como as personagens eram nos anos de 30, 40, 50 e 60 e no que elas se transformaram nos anos 70.

Documentário (sertão e cidade, 1970) abre o livro com uma série de recortes: são notícias de jornais,

Quem estivesse na praça da Estação na madrugada de hoje veria um nordestino moreno, de 53 anos, entrar com uns oitocentos flagelados no trem de madeira que os levaria de volta para o Nordeste. Veria os guardas, soldados e investigadores tangendo-os com energia mas sem violência para dentro dos vagões.[...]

(Trecho da reportagem que o diário “A Tarde” suprimiu da cobertura dos acontecimentos da praça da Estação, na sua edição do dia 31 de março de 1970, atendendo solicitações da Polícia Federal, que alegou motivos de segurança nacional.) (ÂNGELO, 1978, p.15)

trechos de um livro (Os Sertões, Euclides da Cunha),

“Canudos não se rendeu. Exemplo único em toda a história, resistiu até o esgotamento completo. Expugnado palmo a palmo, na precisão integral do termo, caiu no dia 5, ao entardecer, quando caíram os seus últimos defensores, que todos morreram. Eram quatro apenas: um velho, dois homens feitos e uma criança, na frente dos quais rugiam raivosamente cinco mil soldados.”

(Euclides da Cunha em “Os Sertões”, 1902.) (ÂNGELO, 1978, p.15)

de discursos políticos,

“Aqui vim para ver, com os olhos da minha sensibilidade, a seca deste ano, e vi todo o drama do Nordeste. Vim ver a seca de 70 e vi o sofrimento e a miséria de sempre.”

(Emílio Garrastazu Médici, presidente da República, em 6 de junho de 1970.) (ÂNGELO, 1978, p.15)

de depoimentos no DOPS,

“que se mudaram para Alagoas em virtude de desentendimento entre seu pai e o coronel Horácio; que passaram a servir ao coronel Joaquim Resende, dono da Fazenda Pão de Açúcar; que o dito coronel era amigo pessoal do cangaceiro Lampião; que Lampião esteve lá várias vezes; que data daí sua amizade pelo citado cangaceiro; que Lampião não era bandido inteiro, era um homem bravo que queria recompor o sertão; que ele, depoente, nessa época contava quinze (15) anos e tinha conhecimento para saber muito bem quem era Lampião; que se tivesse de escolher entre Prestes e Lampião como chefe escolheria o último, porque Lampião queria apenas consertar o Sertão e não fazer política; que entendia consertar o Sertão como acabar com os coronéis e dar terra, trabalho e justiça aos pobres;”

(Do depoimento de Marcionilio de Mattos no dia 1º de abril de 1970 no DOPS de Belo Horizonte, sobre os distúrbios em que morreram quatro pessoas na praça da Estação.). (ÂNGELO, 1978, p.15)

e da música Asa Branca de Luís Gonzaga e Humberto Teixeira:

Inté mesmo a asa-branca
Bateu asas do sertão
Entonce eu disse, adeus Rosinha,
Guarda contigo meu coração.

Hoje longe muitas léguas

Numa triste solidão
Espero a chuva cair de novo
Pra mim vortá pro meu sertão.

Quando o verde dos teus óio
Se espaiá na prantação
Eu te asseguro, não chore não, viu?
Que eu voltarei, viu, meu coração.”
(Luís Gonzaga e Humberto Teixeira, baião “Asa Branca”, 1952.)
(ÂNGELO, 1978, p.15)

Esses recortes remetem à seca do Nordeste e a vida de Marcionílio de Mattos, personagem principal em um dos polos da narrativa: os acontecimentos na praça da Estação no dia 31 de março de 1970.

Os próximos contos fazem uma análise da sociedade brasileira dos anos 30 aos anos 70, comportamentos, ideologias, relacionamentos familiares e amorosos, trabalho. O segundo conto, **Bodas de Pérola (amor dos anos 30)** é narrado por duas personagens: marido e mulher, casal que sente o amor nascer nos anos 30 e após determinado tempo sente o peso de uma promessa feita na juventude; morrerem juntos antes de ficarem velhos e feios:

E foi tão maravilhoso aquela primeira vez, com juventude e o sentimento de pecado – havia deus naquela época – que ficamos horas abraçados, mortos, como mortos mesmo, assustados diante de tanto prazer
Eu pensei que ia morrer e você
Eu também
Eu podia morrer agora
Eu também
Eu quero morrer quando não for mais assim
Eu também
Eu quero morrer junto com você
Jura
Juro
Antes de ficarmos feios e velhos
É
Também se um de nós ficar doente sem cura
Também
Vamos morrer juntos
Hum-hum
Abraçados
Vamos
Estou falando de verdade
Eu também
Jura por deus
Juro juro por deus
Quem vai escolher o dia
Nós o sentiremos
(ÂNGELO, 1978, p. 33-34)

A mágica do amor é contada de forma detalhada, a narrativa sugere uma dramatização em dois atos: “MARIDO” e “MULHER”, no primeiro o marido relembra a promessa feita no auge da paixão, o diálogo é construído pela voz da mulher que é

enunciada como se viesse da consciência do marido, no segundo ato a mulher aparece envolvida com um amante, Carlos, o diálogo dos dois é destacado, aparece em negrito:

-- Amanhã, disse ela. --Você vai mesmo?, disse o rapaz. – Vou, disse ela, pode ter certeza que eu vou. – E o professor, disse o rapaz, é preciso tomar cuidado. – Ele não liga, disse ela, depois te conto como ele é. E pensou: eu tenho sempre de contar isso aos homens. – Onde? num hotel ?, disse o rapaz. – Onde você quiser. Eu vou aonde você quiser, disse ela. – De tarde? Disse o rapaz. – É, disse ela, eu só posso de tarde. Como é seu nome mesmo? – Carlos, disse o rapaz. – Então me dá seu telefone, disse ela. (ÂNGELO, 1978, p.41)

Esse conto é um relato de sexo e amor que o tempo corrompeu e que agora se resume a medo, traição e tentativas de assassinato.

Andrea (garota dos anos 50), o terceiro conto, reflete a influência da sociedade sob o indivíduo e como esse é corrompido a fim de ser aceito e notado por ela, Andrea, a jovem do interior passa de ingênua e bonita a personagem que ela mesma criou, torna-se mentira, sem lugar no mundo, sem um amor verdadeiro. “Ela era muito bonita. Talvez a única verdade de Andrea, base de todas as posteriores mentiras, tenha sido essa: a beleza.” (ÂNGELO,1978,p. 51). A narração da vida dessa personagem aparece como uma biografia, já anunciada no início do conto: “*Biografia encontrada pelo autor entre os papéis e uma personagem do livro, que não sabe ainda se identificará mais adiante.*” Essa epígrafe abre o conto e está grafada em itálico. Aos poucos, Andrea tem sua vida escancarada para todos, ela é julgada por uma sociedade cruel, torna-se incapaz de se afirmar perante essa sociedade, e acaba sendo vítima das ações daqueles que ela tentou agradar.

Corrupção (triângulo nos anos 40), esse conto é construído por três vozes: pai, mãe e filho, a chegada do primeiro filho e os seus cinco primeiros anos de vida ressaltam a felicidade e a proteção do pai, a reação da mãe que se sentia excluída desse relacionamento e a postura do filho que mantém uma relação muito forte com o pai a ponto dessa relação entre pai e filho promover brigas conjugais e o término do casamento.

O Refúgio (insegurança, 1970), o quinto conto, recebeu esse nome por ser exatamente o abrigo seguro do advogado Jorge Paulo de Fernandes, apresentado na epígrafe que abre o conto:

“O REFÚGIO
DE JORGE PAULO FERNANDES, 31 ANOS, ADVOGADO DE RÁPIDA CARREIRA, QUASE ESCRITOR ATÉ OS 25 ANOS, QUANDO O DIPLOMA DE BACHAREL DE DIREITO CORRIGIU COMPLETAMENTE ESSE DESVIO, BEM RELACIONADO NA SOCIEDADE E TOLERADO ENTRE OS INTELLECTUAIS, AUTOR DE UM CONTO REALMENTE BOM PUBLICADO NO SUPLEMENTO EM 1961, SOLTEIRO, RICO, FORTE CANDIDATO AO TÍTULO DE UM DOS DEZ RAPAZES MAIS ELEGANTES DE BELO HORIZONTE EM 1970.

Ao chegar em seu apartamento todas as ações da personagem são narradas minuciosamente, como se o narrador fosse uma câmera que tudo filma, tudo ver. Longe dos olhos da sociedade, Jorge ensaia sua aparição, anota o que vai fazer e o que vai falar durante a festa.

Riu. Apanhou o relógio, colocou-o no pulso. Apanhou o bloco de anotações e a caneta. Calçou os chinelos. Saiu do banheiro. Entrou no quarto.

Só quero ver a cara de Mônica e Rodolfo.

Escreveu no bloco: “ Jogo da verdade”. Penteou os cabelos. Passou loção para após a barba. Tirou o terno cinza-grafite do armário.

Vou ficar o máximo. (ÂNGELO, 1978, p.85)

Luta de Classes (vidinha, 1970), o paralelismo desse conto é o que o torna distinto. Dois personagens agem simultaneamente até se cruzarem, Ataíde, um pintor que ganha uns três salários mínimos e Fernando, um executivo, provavelmente. Os dois esbarram e acabam brigando.

Preocupações (angústias, 1968), esse conto é composto de dois depoimentos, um proferido por uma senhora mãe de um rapaz, preocupada com o envolvimento do filho no movimento estudantil,

Não o deixeis cair em tentação e livrai-o do mal amém.

Todo dia: vou pro DCE. Todo dia: não venho jantar, tem reunião do DCE. Tem reunião do DA. O que será esse DA, meu Deus, esqueci de perguntar ao Carlinhos. Alguma coisa eles estão aprontando, com essas moças de minissaia.

Mãe não tem férias. (ÂNGELO, 1978, p.95)

e outro por um delegado de polícia social, preocupado com a irracionalidade da sociedade e o abandono do povo, ele se sente responsável pela segurança da sociedade, teme que a desordem e a ignorância dominem a organização que ele luta pra manter:

Fui acusado de prepotente, nunca de injusto ou parcial. É meu dever velar por todos e a todos proteger por igual contra si mesmos. Um príncipe sábio, amando os homens como eles querem e sendo temido por eles como ele quer, deve somente evitar ser odiado. (ÂNGELO, 1978, p.102)

Encerra-se, assim, o primeiro bloco, o segundo bloco **Antes da Festa (vítimas dos anos 60)** é organizado por meio de fragmentos antecédidos de um título em negrito que informa local, hora e minuto dos acontecimentos antes da festa de aniversário de Roberto Miranda e do tumulto dos nordestinos imigrante na praça da Estação,

Esquina da Livraria Rex

18 horas

-- Você vai gostar da turma, Samuel. Muito artista, escritor, mulheres ótimas, bichas, gente da esquerda, da direita. Olha, vai ser uma festa do caralho. (ÂNGELO, 1978, p.108)

Redação do Correio de Minas Gerais

20h35m

Samuel entrega duas notícias.

-- Só isso?

Começa a explicar o fracasso das outras matérias e o secretário tapa os ouvidos com os dois dedos indicadores, olha-o como se fosse Samuel o insuportável. O telefone toca, o secretário não ouve, o telefone tocando, o secretário não ouve. Samuel tira o fone do gancho. O secretário ri, anota, desliga e:

--Você, que só deu focada hoje, vai ver esse negócio de estudante preso. Um tal de Carlos, da Ciências Econômicas. Vai primeiro à casa

dele, fala com a mulher dele. Está aí o endereço. Depois apura o resto. (ÂNGELO, 1978, p.109)

O autor ainda utiliza outro recurso nesse segundo bloco: os fragmentos referentes ao escritor-personagem que aparecem entre parênteses e em itálico.

(anotações do escritor:

Todos os contos devem ter uma data, explícita ou implícita. O ano da festa é 1970. O Roberto, que dá a festa, é de 1941. Faz 29 anos e é o mais velho dos novos artistas da cidade, que têm entre 22 e 26 anos em 1970.) (ÂNGELO, 1978, p.108)

O terceiro e último bloco, **Depois da Festa (índice dos destinados)** recupera todos os personagens revelando seus destinos aos poucos, o autor inicia esse bloco dando ao leitor essa informação:

Índice remissivo das personagens, por ordem de entrada ou de referência, com informações (*) sobre o destino das que estavam vivas durante os acontecimentos da noite de 30 de março.

*) necessárias?

surpreendentes?

Valiosas?

Complementares?

Desnecessárias?

Inúteis?

(ÂNGELO, 1978, p.135)

Como o próprio autor afirma, esse índice refere-se às personagens dos primeiros contos, o autor cita as páginas em que elas aparecem orientando o leitor, esse pode retornar aos contos e confirmar o que ele apresenta:

Nordestino

moreno,

Marcionílio

de Mattos.

Página 15.

Marcionílio esteve preso durante 68 dias. Pessoas que estavam presas com ele contam que foi na noite do dia 5 pra 6 de junho que Marcionílio sumiu. Sabe-se, sobre ele, pouca coisa além do que consta dos seus depoimentos. As declarações de um certo retirante Viriato, identificando Marcionílio com o Demônio, não foram levadas em consideração pela polícia, apesar de transmitirem esboço do preso. (ÂNGELO, 1978, p.137)

Nesse terceiro bloco, Ivan Ângelo explicita todas as nefastas consequências do regime militar sobre a sociedade: o pintor cuja mão foi esmagada, a mulher violentada por policiais, o intelectual assassinado, o estudante expulso e proibido de concluir seu curso da faculdade, o advogado que mata a esposa e é absolvido alegando "defesa da honra", o líder camponês morto pelo DOPS e cuja versão oficial distribuída aos jornais falava em "resistência e fuga". É um apanhado de todos os antecedentes que desembocariam na trágica festa que encerrará o livro. Porém, os acontecimentos da festa não são descritos, não se sabe o que realmente aconteceu no aniversário do pintor Roberto Miranda, a única informação que o leitor tem é que :

Um grupo de trinta rapazes armados com longos cacetes de madeira invadiu a festa de aniversário de Roberto em 1971. A porta foi aberta com estrondo e pontapé e os rapazes, de cabelos muito curtos, civis, entraram correndo, atropelando, batendo, gritando. [...]

Foi a última festa. (ÂNGELO, 1978, p.193)

É nessa narrativa bem construída que Ivan Ângelo elabora um romance único, rico em crítica ao regime militar, ele é capaz de tirar a passividade do leitor, por não entregar uma leitura pronta, o leitor é obrigado a pensar, refletir, inferir suas próprias conclusões sobre o que está sendo narrado, construindo-se um romance rico em interpretações, pois existe um jogo de ideias inter cruzadas pertinentes em todo o romance, esse jogo já tem início no título do livro: *A Festa*, que possui um duplo sentido, referindo-se, realmente, a festa de aniversário do pintor Roberto Miranda mas abrange um sentido bem maior quando passa a significar o tumulto da praça da Estação, pois nesse contexto o significado de festa como revolta, revolução é bem propício.

4. *A Festa*: realidade, censura e denúncia

A censura cumpria seu papel de entidade repressiva proibindo a edição de muitos livros, como *Zero* de Ignácio de Loyola Brandão, porém, com *A Festa* foi diferente, mesmo com toda a crítica feita ao regime militar, o malabarismo feito por Ivan Ângelo conseguiu que a obra passasse pelo olho da censura, a explicação é que de forma sutil o autor lança mão de trechos que aparentemente concordam com os princípios do governo brasileiro, como em Documentário que o autor usa citações do presidente Médici:

“Aqui vim para ver, com os olhos da minha sensibilidade, a seca deste ano, e vi todo o drama do Nordeste. Vim ver a seca de 70 e vi o sofrimento e a miséria de sempre.(Emílio Garrastazu Médici, presidente da República, em 06 de junho de 1970)”
(ÂNGELO,1978,p. 26)

e ainda os discursos de uma senhora mãe de um rapaz e de um delegado de polícia social narrando as “angústias” no conto Preocupações, a primeira se mostra contra o movimento estudantil, do qual o filho faz parte ela demonstra o desejo de proibir, bem parecido com a ideologia do governo:

Cabelo comprido e minissaia. Se tivéssemos proibido, se todas mães do mundo tivessem proibido essa liberdade quando começou, protegido os corpos dos nossos filhos, se nós tivéssemos proibido que eles se juntassem para aquelas danças de uns anos atrás eles não estariam assim, loucos [...](ÂNGELO, 1978, p.96)

O segundo também profere um discurso muito parecido com o dos militares, levando a crer que compartilha da mesma opinião repressiva:

Do próprio seio do meu povo sinto elevar-se o apelo protege-nos, faz algo por nós para que termine essa nova angústia, esse novo fanatismo, a loucura mística dos jovens. Estávamos tão confortáveis com a Nova Ordem, tão seguros no nosso trabalho, certos da queda da inflação, da alta da Bolsa, da vitória na Copa, do aumento da renda per capita, do desenvolvimento do Nordeste — e vem essa grande conspiração de fanáticos perturbar nossas certezas”.
(ÂNGELO,1978,p.102)

Nota-se que, ao colocar em certos períodos do romance, personagens e ideologias a favor do governo, o autor “engana” os responsáveis por censurar as obras, conseguindo que o livro fosse publicado, assim, o escritor consegue criar um meio para driblar a censura e ainda apresentar uma crítica bem planejada, visível ao leitor atento, sobre as medidas adotadas pelo governo. Analisando a fala do delegado é notável a aproximação com as ideias defendidas pelo regime, onde a segurança da nação era a desculpa para todas as atrocidades dos militares, apoiado pelo milagre econômico e pela conquista da Copa do mundo de 70, o governo lança a ideia de um Brasil pra frente, em notável

desenvolvimento, todo esse cenário deixava a população alienada crente do crescimento do Brasil e ignorando a barbárie pela qual o país estava passando.

O objetivo dos autores das décadas de 60 e 70 era retratar a verdadeira faceta política, a dissimulação por parte do governo que lançava a ideia de um Brasil em constante progresso e mantinha a ordem em benefício da população. Mas retratar essa realidade através da produção literária tornou-se uma ação arriscada: a censura buscava calar a voz de qualquer denúncia contra o governo, uma verdadeira máquina de produzir silêncio. As preocupações, as inquietações do escritor do pós-64 estão bem acentuadas em *A Festa*, ele aproveita espaços do livro para acrescentar Anotações do escritor, “São projetos, frases, ideias para contos, preocupações literárias, continhos relâmpagos, inquietações” (ANGELO, 1978, p. 117), o autor, dando voz ao escritor-personagem, reflete sobre a responsabilidade do escritor nesse momento histórico, sobre o ato de escrever em si:

Escrever o que nesta terra de merda? Tudo que eu começo a escrever me parece um erro, como se estivesse fugindo do assunto. Que assunto? Merda! E quem disse que isso é responsabilidade minha? Por que não escrever um romance policial ou um balé-revista infantil?” (ANGELO, 1978, p.107) .

O papel do escritor não é só escrever, é escrever algo muito necessário para uma sociedade confusa e sofrida em meio às cinzas do regime militar, o próprio Ivan Ângelo comenta sobre a produção literária e o papel do escritor na época:

“ ao escrever *A Festa*, sentia uma espécie de alegria bêbada, um prazer de escrever como só experimentara na juventude dos vinte anos. Quando se escreve um livro assim, o *para quê* é tão evidente que se trabalha sem nenhuma angústia,impulsionado pelo prazer de terminar o objeto, a coisa útil que tanta gente está precisando” (ÂNGELO, 1994, p. 71)

A fragmentação garantiu ao romance o caráter documental, principalmente pelo uso de datas, horários, a inclusão de textos jornalísticos e científicos, tudo formando um grande mosaico, além disso, pelo fato dos contos apresentarem certa independência, o escritor permite que vários gêneros e estilos se encaixem na totalidade da obra, mantendo uma relação de integralidade entre os contos e a obra como um todo. É por esse aspecto fragmentário que a obra ganha seu tom de denúncia, é como se o escritor estivesse reunindo todas as informações possíveis para provar que ali está a verdade, que cada fragmento que compõe o livro, compõe na verdade a realidade brasileira, e que eles estão ali para denunciar essa realidade, até então mascarada.

Todas as estratégias usadas no romance evidenciam a realidade da época, o texto fragmentado, passando a ideia de que a notícia, os fatos nunca são contados por completo, sempre falta algo, alusão ao processo ditador onde as informações eram suprimidas da vida dos cidadãos, a linguagem mais objetiva, próxima da grande massa, as várias vozes narrativas, o espaço compartilhado entre realidade e ficção, aproximando-as e às vezes não permitindo o leitor distinguir o que é realidade e o que é ficção, a obra torna-se ainda mais rica pelos recursos gráficos: a diferenciação nas cores das páginas, Antes da Festa as páginas são brancas, em Depois da Festa são azuis, a formatação das letras ora em negrito, ora em itálico, os espaços do livro usados para as Anotações do escritor, tudo estrategicamente pensado para promover uma obra complexa, compatível com o momento histórico.

Considerações finais

A realidade presente no livro é a mesma que o regime queria ocultar, a ficção passa a ser mais real do que a verdade que os militares queriam impor, por meio de ironias, metáforas Ivan Ângelo consegue montar um quadro da vida não só política, mas também social e cultural do Brasil em 1970, a produção literária então, torna-se documento de denúncia de um período histórico no país, iam para os livros, de maneira engajada, as notícias que os jornais não publicavam, as barbaridades cometidas nos porões do DOPS, as lágrimas e as dores daqueles que viram suas vidas totalmente modificadas pela Ditadura Militar, como afirma o escritor personagem da obra, A Festa “não é um livro sobre uma geração, mas sobre várias gerações que um dia se encontraram no 1970 brasileiro.” (ÂNGELO, 1978, p.176), a obra não trata de jovens guerrilheiros como outras da mesma época, trata de uma sociedade e das consequências do regime militar.

A produção literária do pós-64 tem a importante função de preservar a memória de uma questão que muitos querem esquecer, arquivar sem questionar, sem levantar as devidas conclusões, as contas com o passado ainda não foram acertadas, muitas injustiças não foram reparadas, muitos (praticamente todos) não foram punidos, esquecer seria a solução mais cabível quando se deseja construir um novo capítulo baseado em mentiras. É contra esse esquecimento que a literatura luta, esse é um ponto destacado por Ivan Ângelo, ao escrever sobre o fim de Andrea, a personagem mais conturbada da sua obra:

Andrea morreu de pneumonia em 1997, lamentando não realizar seu grande sonho da velhice: ver a passagem do século. Apesar de os epitáfios estarem completamente fora de moda, a sua exigência foi cumprida. “ Não se esqueçam de nós, do século XX.” – diz a inscrição no seu túmulo. (ÂNGELO, 1978, p.192)

O apelo foi lançado, o pedido para que o século XX não caísse no esquecimento pretende na verdade alertar para o esquecimento inconsequente de um passado ressentido de uma história marcante que deixou traumas irreversíveis naqueles que experimentaram o amargo sabor da repressão, da tortura, em fim, de todas as atrocidades que qualificarão o regime militar como castrador e obscuro. Pesquisar, conhecer a produção literária da época, assim como o contexto que a cerca é construir a sua própria identidade, é atentar para os padrões de humanidade que construíram os alicerces da sociedade atual, aqui não se estuda um passado distante, estuda-se algo recente, afinal não fazem nem 50 anos do golpe, espera-se, portanto que existam mais oportunidades de levar essa discussão aos meios acadêmico e educacional, afinal os resultados das medidas adotadas durante os 21 anos de ditadura refletem até hoje, é injusto não permitir que as futuras gerações (e porque não a atual) desconheçam esses fatos e as consequências advindas deles.

Referencias bibliográficas

ÂNGELO, Ivan. A Festa. São Paulo: Summus, 1976.

ÂNGELO, Ivan. A Festa. São Paulo: Geração Editorial, 2000.

CALLADO, Antonio. Bar Don Juan. Rio de Janeiro: Lacerda editores Ltda, 2008.

CHIAVENATO, Júlio José. O golpe de 64 e a ditadura militar. São Paulo, Moderna, 1994.

DALCASTAGNÉ, Regina. O espaço da dor- O regime de 64 no romance brasileiro. Brasília: Editora UnB, 1996.

FRANCO, Renato. Itinerário político do romance pós-64: *A Festa*. São Paulo: UNESP, 1998.

SCHWARTZ, Jorge; SOSNOWSKI, Saúl (Org.). Brasil: O Trânsito da Memória. São Paulo: Edusp, 1994.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. Dicionário de conceitos históricos. São Paulo: Contexto, 2010.